

Editorial

Dinâmica da Ciência frente aos Conflitos da Geopolítica Mundial

A ciência nunca foi produzida em um vazio histórico. Ao contrário, seu desenvolvimento sempre esteve profundamente imbricado às transformações políticas, econômicas, culturais e territoriais que moldam as sociedades humanas. Em momentos de estabilidade, a produção científica tende a ampliar horizontes, fortalecer redes de cooperação e impulsionar inovações capazes de melhorar as condições de vida. Entretanto, em períodos marcados por guerras, crises diplomáticas, disputas geoeconômicas, conflitos territoriais, mudanças climáticas, migrações forçadas e instabilidades institucionais, a ciência passa a ocupar um lugar ainda mais estratégico: torna-se, simultaneamente, instrumento de emancipação, objeto de disputa e campo de resistência.

É nesse contexto que a *Diversitas Journal* apresenta, como tema desta edição, **“Dinâmica da Ciência frente aos Conflitos da Geopolítica Mundial”**, propondo uma reflexão ampla e interdisciplinar acerca dos desafios impostos à produção do conhecimento em um cenário internacional caracterizado por profundas transformações. O século XXI evidencia uma reconfiguração da ordem mundial em múltiplas escalas, marcada pela ascensão de novas potências, pela intensificação da competição tecnológica, pela disputa em torno de recursos naturais estratégicos, pela crise das instituições multilaterais e pela emergência de novas formas de colonialidade que atravessam a circulação do conhecimento científico.

As guerras contemporâneas evidenciam a permanência da violência armada como instrumento de disputa por territórios, fronteiras, recursos naturais, influência política e controle de áreas consideradas estratégicas. Conflitos interestatais, guerras civis, ocupações militares, disputas separatistas e confrontos envolvendo forças regulares, grupos armados e empresas militares privadas compõem um cenário cada vez mais complexo. As novas tecnologias de guerra: drones, sistemas autônomos, inteligência artificial, armamentos de precisão, satélites e mecanismos de vigilância, ampliam a capacidade destrutiva dos Estados e transformam profundamente as formas de combate, tornando ainda mais difusas as fronteiras entre os espaços militares e civis.

As consequências dessas guerras recaem de maneira particularmente severa sobre as populações civis. Mortes, ferimentos, fome, destruição de moradias, interrupção dos serviços de saúde, fechamento de escolas e deslocamentos forçados constituem algumas das expressões

mais dramáticas dos conflitos atuais. Milhões de pessoas são obrigadas a abandonar seus territórios, transformando-se em refugiadas ou deslocadas internas e enfrentando situações de insegurança, discriminação e perda de vínculos comunitários. A destruição de universidades, laboratórios, bibliotecas, hospitais e centros de pesquisa compromete não apenas o presente das populações atingidas, mas também as possibilidades futuras de reconstrução social, cultural e científica.

Os conflitos armados também produzem impactos ambientais profundos e duradouros. Bombardeios, incêndios, mineração intensiva, vazamentos de substâncias tóxicas, destruição de barragens, contaminação do solo e dos recursos hídricos, desmatamento e uso de armamentos químicos comprometem ecossistemas inteiros e ameaçam a biodiversidade. Além disso, as guerras ampliam as emissões de gases de efeito estufa, dificultam a fiscalização ambiental e favorecem a exploração ilegal de florestas, minerais, água e fontes energéticas. Dessa forma, a crise geopolítica e a crise ambiental não constituem fenômenos separados: elas se alimentam mutuamente e revelam como as disputas pelo controle da natureza estão no centro de muitos dos conflitos contemporâneos.

Os conflitos contemporâneos, portanto, extrapolam os campos de batalha tradicionais. Manifestam-se nas disputas por soberania tecnológica, pelo controle da informação, pelo domínio da inteligência artificial (IA), pela segurança cibernética, pelo acesso a minerais críticos para a transição energética, pela propriedade intelectual de medicamentos, sementes e tecnologias, bem como pela governança dos dados e das plataformas digitais. A geopolítica da ciência torna-se, assim, um dos elementos centrais para compreender o funcionamento das sociedades contemporâneas.

A disputa por recursos naturais ocupa lugar central nessa nova configuração geopolítica. Água, petróleo, gás, terras agricultáveis, florestas, biodiversidade e minerais estratégicos tornaram-se elementos fundamentais para a manutenção das economias nacionais e para o desenvolvimento tecnológico. A expansão da chamada transição energética, embora necessária diante da emergência climática, também intensifica a procura por lítio, cobalto, níquel, cobre e terras raras, ampliando pressões sobre territórios ocupados por povos indígenas, comunidades tradicionais e populações camponesas.

Essas dinâmicas demonstram que os problemas ambientais não podem ser compreendidos apenas como questões técnicas ou naturais. A mudança climática, a perda da biodiversidade, a desertificação, a poluição dos oceanos, a escassez hídrica e os eventos

extremos estão diretamente relacionados aos modelos de desenvolvimento, às desigualdades econômicas e às relações de poder que estruturam o sistema internacional. Embora os efeitos da crise ambiental sejam globais, eles não atingem todos os países e grupos sociais da mesma maneira. As populações historicamente vulnerabilizadas são aquelas que menos contribuem para a degradação ambiental e, paradoxalmente, as que mais sofrem seus impactos.

Ao mesmo tempo em que a ciência é convocada a responder a desafios globais, como as mudanças climáticas, as pandemias, a insegurança alimentar, as crises energéticas e os deslocamentos populacionais, ela também enfrenta crescentes tentativas de instrumentalização política. Em diferentes partes do mundo, observam-se cortes de financiamento, ataques à autonomia universitária, disseminação de desinformação, negacionismo científico, restrições à circulação internacional de pesquisadores e utilização estratégica da produção científica como mecanismo de poder e influência internacional.

Nesse cenário complexo, torna-se imprescindível reafirmar a ciência como patrimônio coletivo da humanidade. Produzir conhecimento exige liberdade intelectual, financiamento contínuo, instituições sólidas, cooperação internacional e compromisso ético com os valores democráticos. A defesa da ciência ultrapassa os limites das universidades e dos centros de pesquisa; trata-se de uma condição indispensável para a construção de sociedades mais justas, resilientes e capazes de enfrentar problemas cuja natureza já não reconhece fronteiras nacionais.

A ciência desempenha papel fundamental tanto na compreensão dos conflitos e de suas consequências quanto na elaboração de caminhos para a paz, a reconstrução e a justiça ambiental. Pesquisadores das mais diversas áreas contribuem para documentar violações de direitos, monitorar impactos ambientais, desenvolver tecnologias humanitárias, proteger patrimônios culturais, enfrentar epidemias e propor políticas públicas voltadas às populações afetadas. Todavia, essa atuação exige compromisso ético, independência intelectual e atenção permanente para que o conhecimento científico não seja colocado exclusivamente a serviço de estratégias militares, interesses empresariais ou projetos de dominação.

Os artigos reunidos neste volume refletem essa diversidade de perspectivas. As contribuições dialogam com diferentes áreas do conhecimento e, mais do que oferecer respostas definitivas, os trabalhos aqui publicados convidam à reflexão crítica sobre o papel da pesquisa científica diante das incertezas do presente. A diversidade epistemológica presente nesta edição reafirma um princípio fundamental da *Diversitas Journal*: a compreensão dos

fenômenos contemporâneos exige diálogo permanente entre diferentes campos disciplinares, valorizando abordagens plurais, interculturais e socialmente comprometidas.

Em um mundo marcado pela fragmentação política e pela crescente polarização, a ciência permanece como uma das mais importantes linguagens universais de cooperação entre povos e nações. Ainda que atravessada por interesses econômicos e disputas de poder, ela conserva sua capacidade de construir pontes, produzir evidências, fomentar o pensamento crítico e ampliar as possibilidades de diálogo entre diferentes sociedades.

Este número da *Diversitas Journal* reafirma, portanto, o compromisso da revista com uma ciência aberta, ética, democrática e socialmente referenciada. Uma ciência comprometida com a dignidade humana, a defesa da vida, a sustentabilidade ambiental, a promoção da justiça social e a construção de um futuro pautado pelo diálogo, pela cooperação internacional e pelo fortalecimento das instituições científicas.

Esperamos que os estudos aqui reunidos contribuam para ampliar o debate acadêmico sobre as complexas relações entre ciência, geopolítica, conflitos e meio ambiente, estimulando novas pesquisas, parcerias interinstitucionais e reflexões capazes de subsidiar respostas aos grandes desafios do nosso tempo.

Convidamos nossos leitores a percorrerem as páginas desta edição com espírito crítico, abertura ao diálogo e disposição para refletir sobre o papel da ciência em uma sociedade marcada por profundas transformações. Que cada artigo represente não apenas uma oportunidade de acesso ao conhecimento produzido por pesquisadores de diferentes áreas, mas também um convite à construção coletiva de caminhos mais sustentáveis, democráticos e comprometidos com a paz, a justiça e o desenvolvimento humano.

Desejamos a todos uma excelente leitura e profícuas reflexões.